

# A história de Carlos (não o Chacal)

Luiz Carlos Erbes

## 1

Aos 16 anos, viveu o que 11 anos depois definiu como o auge de sua vida. O antes foi marcado por sonhos de criança, que começam a se despedaçar assim que o rosto infantil começa a ser invadido por espinhas, uma aqui ou acolá, e escassos fios de barba. Primeiro, desejou ser jogador de futebol, mas sequer conseguiu espaço no time titular da rua. Não tinha talento para aquilo, não havia a chance de um despertar tardio. Depois, pensou em ser médico, em seguir a carreira de seu Osvaldo, um jovem doutor que atendia no Posto de Saúde da vila e que arrancava suspiros das meninas. Descobriu que ser médico custava caro, caro demais para a vida pobre que levava com seus pais e cinco irmãos. Mais tarde, quis ser engenheiro, mas era um fracasso em matemática. Assim, um a um seus sonhos de infância foram de desfazendo.

Então, Geni cruzou a sua vida. Sim, o seu auge tinha nome e belas curvas. Numa tarde de verão, enquanto perambulava pela rua sem ter o que fazer, Geni o viu passar. Eles moravam na mesma rua e se conheciam.

- Carlos – chamou, num grito baixo, de alguém que não pretende chamar a atenção.

Carlos não reconheceu a voz e não identificou de onde vinha.

- Aqui!

Viu Geni, acenando de uma janela. O coração se acelerou e, a passos nervosos, dirigiu-se à casa dos pais de Geni.

- Vem aqui, preciso de uma ajuda para arrear um móvel – ordenou.

Carlos obedeceu. Entrou pela porta da frente da casa de alvenaria, com três quartos, uma sala ampla, cozinha e banheiros. Geni o recepcionou na porta e o levou ao quarto, com as janelas fechadas e iluminado por uma lâmpada de 60 watts. Viu o nervosismo do adolescente.

- Não se preocupa, não vou fazer nada contigo!

- Não tenho medo de você – respondeu Carlos.

Era verdade, não temia Geni. Como vários adolescentes da rua, desejou Geni, uma morena de 25 anos que, há quatro anos, concorrera à rainha do Carnaval de Caxias do Sul. Tinha todos os atributos necessários, concordava Carlos. Pernas bonitas, nádegas perfeitas, peitos médios e um rosto bonito.

- Você pode me ajudar com esse armário. Quero colocar ele um pouco para lá e deixar um espaço vazio neste canto.

Carlos começou a empurrar e o móvel se moveu levemente.

- Mais um pouco... Ótimo. Está perfeito – ouviu a voz suave de Geni.

Afastou-se um pouco e ficou observando o armário e Geni.

- Mais alguma coisa?

Geni sorriu.

- Quer um copo de água?

- Pode ser.

Geni saiu em direção à cozinha, e Carlos se sentou sobre a cama, depois caiu de costas e fechou os olhos. Não notou quando ela voltou, apenas quando ela sentou do seu lado e colocou a mão sobre o seu peito.

- Acho que você não quer água – sussurrou Geni.

Carlos sentiu o corpo malhado de Geni cair sobre o dele e os lábios dela encontrarem os seus. Beijaram-se, trocaram carícias e lentamente as roupas foram se acumulando num canto do quarto. Seus corpos se entrelaçaram, a boca quente da morena o levou ao êxtase.

Se existia paraíso, o encontrara.

A hora seguinte fora o melhor que lhe acontecera e, quase, terminara em tragédia. O namorado de Geni, um instrutor de academia que volta e meia se envolvia em brigas, chegou no meio da tarde. Bateu à porta, assustando Geni e Carlos. A morena contornou com maestria a situação. Vestiu-se, mandou-se Carlos se vestir e ir para o outro quarto, cuja janela estava aberta. Em seguida, Geni atendeu à porta e começou a encher o namorado de beijos, enquanto Carlos escapava pelos fundos.

## 2

Carlos tentou rever Geni. No dia seguinte, telefonou para a casa dela. A mãe atendeu. Desligou. Mais tarde, ligou novamente. Era Geni.

- Gostaria de te ver de novo!

- Então gostou?

- Quando?

- Olha, é melhor não. É perigoso a gente se ver. É loucura. Foi ótimo, mas que tal cada um seguir a sua vida?

- Mas... – esboçou um argumento, interrompido pela voz suave de Geni.

- Preciso desligar, tchau!

Levara um fora por telefone. Não fora o primeiro, certamente não seria o último, mas a recusa de Geni o deixou para baixo. Ela não fora a primeira mulher de sua vida, mas nenhuma outra se comparava a ela. Carlos passou aquele verão cabisbaixo, sem muita vontade de fazer algo, enquanto Geni desfilava a sua beleza à beira-mar.

A vida, enfim, seguiu o seu rumo. Carlos terminou o segundo grau e começou a trabalhar. Arranjou um emprego em uma metalúrgica, operava uma pequena máquina que produzia parafusos. Ali descobriu que não tinha vocação para o trabalho. As horas passavam vagarosamente, cada dia parecia uma semana. Permaneceu cinco meses na empresa, até não agüentar a monotonia. Pediu demissão. O diretor tentou demovê-lo da idéia, disse-lhe que tinha futuro na empresa, mas Carlos não aceitou seus argumentos. Aquilo era um inferno.

O pai e a mãe não gostaram da atitude, mas as reclamações duraram poucos dias. Carlos encontrou outro emprego, desta vez como vendedor em uma loja de celulares. Também não ficou muito tempo. O salário, dizia, não compensava o esforço de ficar oito horas convencendo clientes a adquirirem um novo celular, a comprar um modelo mais caro por causa de novos e imperdíveis recursos.

Nos 12 meses que se seguiram, Carlos procurou uma atividade que o seduzisse. Foi representante de uma empresa de máquinas para o setor moveleiro, vendedor de produtos da Herbalife, garçom em um restaurante e sócio de um pequeno bar num bairro vizinho. Apenas o trabalho como representante o agradou, mas o real desvalorizado cortara os investimentos das empresas de móveis e provocara um alto número de demissões. Ele fora uma vítima. As outras atividades não o agradaram.

Então, apareceu um convite inesperado. Ramão, um sujeito que conheceu quando atendia no bar, o convidou para visitar Livramento. Carlos não tinha planos para o final de semana e aceitou acompanhar o conhecido. No final da tarde de sexta-feira, os dois começaram a viagem de quase de 600 quilômetros até a Fronteira. Nas oito horas de viagem, em que se revezaram no volante, Carlos descobriu que o seu amigo era muambeiro. Ramão comprava bebidas, DVDs, HDs de computadores, gravadores de CD, DVD e produtos eletrônicos para revender na Serra. Contrabandeava os produtos de Livramento e do Paraguai, num negócio que lhe garantia uma receita líquida raramente inferior a R\$ 2 mil reais. Por vezes, dizia, lucrava até R\$ 5 mil.

- Trago tudo o que os clientes querem, menos droga – contou.

- Quem compra os produtos?

- Só viajo com itens já encomendados. Tenho pedidos de empresas, em sua maioria, que buscam fugir dos impostos e vendem os produtos como se fossem originais. Mas vendo para qualquer um.

Carlos se interessou pelo assunto. Gostava de viajar, não teria problemas em passar finais de semana na estrada, longe de casa, temia apenas se envolver em algo ilegal e ser preso. Seu pai o expulsaria de casa, se isso ocorresse.

- Não é muito perigoso?

Ramão riu.

- Perigoso é, mas a gente sempre dá um jeito. Já fui parado algumas vezes, mas sempre consegui me safar.

- Você nunca foi preso?

- Uma vez. Mas só fiquei dois dias presos. Eu cuido de tudo, tenho até um advogado que, caso ocorra algo, estará pronto para agir. Não precisa se preocupar, nada vai ocorrer com a gente neste final de semana. Fica tranquilo.

Chegaram à noite em Livramento, dormiram em um hotel barato até às dez horas e foram às compras, em Rivera, no lado uruguaio. Ramão comprou cerca de 30 DVDs, mais de 50 games, cinco câmeras digitais, três Ipods, MP3 players, processadores, gravadores de DVD e várias garrafas de uísque, dois casacos de pele. Gastou quase R\$ 3 mil, nos cálculos de Carlos. Só não trouxe programas piratas.

- Esses não adianta trazer. Os caras que instalam o Windows têm tudo isso – explicou a Carlos. – Eles baixam da Internet.

### 3

Às nove horas da noite, Ramão e Carlos deixaram Livramento para trás. Seguiram em direção a Dom Pedrito e, quase 40 quilômetros depois, dobraram em direção a Rosário do Sul. Mais tarde, entraram na RS-290. Ramão, ao volante, manteve a velocidade próximo a oitenta quilômetros por hora, devido à má sinalização e ao mau estado da estrada – cheia de buracos e remendos mal feitos.

No começo, a cada solavanco mais forte, Carlos temeu por sua vida naquela estrada de terceiro mundo. Não acreditava que, um pouco mais de um ano após bilhões terem sido gastos numa operação tapa-buraco, as rodovias pudessem estar em tão precário estado. “Coisas do Brasil”, pensou. Por um tempo, esqueceu o pavor que o sufocava toda vez que se aproximavam de algum posto policial.

Em São Gabriel, aconteceu o que Carlos tanto temia. Ao se aproximarem de um posto da Polícia Rodoviária, um policial começou a fazer um sinal, com a mão, ordenando que parassem. Ramão proferiu um palavrão, Carlos afundou na sua poltrona. Temia ser preso, ser algemado e jogado numa cela com bandidos. Ramão parou o carro. Um segundo policial se aproximou do veículo.

- Os documentos, por favor – pediu um policial.

Ramão pegou no porta-luvas a carteira de habilitação e os documentos do carro, com o IPVA pago, e os entregou ao policial. Ele olhou.

- Vocês podem sair do carro. Por favor, devagar – pediu.

Ramão e Carlos obedeceram.

- Agora, abra o porta-malas.

- Não tem nada aí dentro

- Abre – ordenou.

Sem alternativa, Ramão abriu o porta-malas, revelando um bem organizado amontoado de caixas.

- Olha só o que temos aqui! – disse um policial.

- Muamba – acrescentou o outro. – Ou vocês têm alguma nota fiscal?

Carlos estava mudo, congelado pelo medo. Ramão não parecia muito abalado, como se aquilo fizesse parte do seu trabalho.

- Podemos conversar um pouco – sugeriu a um policial. – Em particular.

Um dos policiais fez que sim com a cabeça. Caminharam alguns metros, lado a lado na rodovia.

- Que tal R\$ 300 para a gente passar. Vocês saem ganhando e eu sigo minha vida. Nunca trouxe nada ilegal, drogas ou armas, apenas o que você viu.

- Creio que não será possível.

- Por que não?

- Os homens da Polícia Federal pediram para a gente parar vocês. Estão vindo aí.

Ramão se assustou. Caminhou em direção a Carlos.

- Desculpe, mas vamos ser presos. Fica frio, vamos sair logo, o meu advogado vai cuidar de tudo.

- Presos?!?

Vários pensamentos invadiram o cérebro de Carlos nos minutos seguintes. Pensou em fugir, correndo desesperadamente, em culpar o amigo e colaborar com a polícia. Imaginou a mãe e o pai sendo informados da prisão, o seu futuro manchado, o horror de estar numa cela. “É o meu fim.”

A Polícia Federal não tardou a chegar, minutos depois, em uma caminhonete impecável, que parecia saída de uma revendedora. Ramão e Carlos foram levados presos e os produtos, confiscados.

A experiência foi menos traumática do que Carlos imaginou. Pensou em abusos na cadeia, algo do gênero. Nada disso ocorreu. Ficou numa cela com Ramão, que parecia conhecer a linguagem atrás das grades e foi deixado em paz pelos demais prisioneiros. Como Carlos estava com ele, ninguém o incomodou. O começo foi difícil. O pior era a sensação de falta de liberdade, de estar recluso em um lugar claustrofóbico. Depois vinha a comida, um feijão, com arroz e batata sem gosto. Como alguém podia se alimentar com um prato daqueles? Para piorar, passou a ter a sensação de que o tempo não passava na prisão. A manhã era demasiadamente longa; a tarde, interminável; e a noite, uma eternidade. Cumprir uma longa pena deveria ser algo terrível. Se um dia o forçassem a escolher entre a prisão perpétua e a pena de morte, optaria pela segunda.

Na cadeia, Carlos se tornou íntimo de Ramão. Os dois passaram parte do tempo conversando, falando sobre sonhos, projetos e decepções. Descobriu que Ramão já passara várias noites na prisão, sempre por trazer produtos ilegais ao país. Com uma exceção, a primeira vez. Aos 22 anos, desempregado e sem dinheiro, Ramão tentou roubar uma câmera num supermercado. Foi detido por seguranças ao ser surpreendido pelo sensor, indicando que levava um produto não pago. Desconhecia o sistema. Foi preso, algemado e levado à prisão. Ficou apenas alguns dias lá, teve de se apresentar a um juiz e foi condenado a uma pena alternativa – trabalhar, por seis meses, três horas semanais capinando canteiros e calçadas.

Neste período, decidiu que jamais iria roubar novamente. Encontrou um emprego em que ganhava uma mixaria, um pouco mais do que o salário mínimo, e começou a estudar por conta próprio. Leu livros de direito e decidiu se beneficiar do sistema. Passou a revender produtos comprados no Paraguai, em Livramento e São Paulo. Estava havia cinco anos no negócio, tinha clientes fixos e juntara algum dinheiro. Mais de 100 mil dólares, dinheiro depositado numa conta no Uruguai no nome da mãe. Essa informação ele escondeu de Carlos. Pretendia continuar na atividade até os 30 anos, depois abriria um negócio legalizado.

Aquela prisão não o pegou desprevenido. O seu advogado entrou em ação e, três dias depois, Ramão e Carlos deixaram a prisão e voltaram a Caxias do Sul.

#### 4

Carlos precisou dar muitas explicações em casa. O pai se irritara com a prisão, disse que o filho era uma mancha negra para a família. A mãe o perdoou, é claro, mas pediu juízo e implorou para que procurasse um emprego. Os irmãos estavam curiosos, queriam saber como fora a experiência.

Os dias se passaram e Carlos procurou Ramão. Marcaram um encontro num bar na região central.

- Quero trabalhar contigo – disse Carlos.

- Mesmo depois dessa experiência?

- Sim, acho que da próxima vez teremos melhor sorte.

- Não sei. Estou pensando em parar, abrir um negócio qualquer. Está ficando mais arriscando. Não sei onde os federais conseguem as informações tão rapidamente. Eles estão tentando me pegar revendendo produtos, querem me enquadrar como formação de quadrilha, neste caso a pena é mais pesada, são anos de cana. Até agora não conseguiram, mas eles estão próximos disso.

Carlos se assustou, mas não desistiu.

- Então me ensina o ofício. Me explica como faço – pediu.

- Não sei, está ficando mais perigoso.

- Por favor!

- Está bom. Mas vou apenas dar umas dicas, certo? Não vou me envolver em viagens, nada disso. Ou melhor, vou viajar algumas vezes, mas desta vez não vou trazer nada. Quero ver se eles vão continuar no meu pé.

- Posso ir junto?

- Pode. Te ensino tudo nas viagens.

A conversa se estendeu até tomarem duas garrafas de cerveja. Ramão tinha um encontro com uma garota, e Carlos foi para a casa. Oito dias se passaram quando Ramão telefonou. Queria saber se Carlos não mudara de planos. Não, Carlos não aventara essa hipótese. Viajou com o amigo ao Uruguai. Foram até Punta Del Leste, onde Ramão deixou Carlos em uma cassino, dizendo que voltaria mais tarde. Visitou alguns bancos para conferir como estavam os investimentos. Mais tarde, foram a Montevideu, dormiram num hotel barato e na manhã seguinte pegaram a estrada rumo a Livramento. Ramão comprou algumas coisas, gastou menos de 100 dólares. Fosse parado, não seria autuado. Foi o que ocorreu. A Polícia Federal estava no seu pé.

- Estou largando. Esses caras não vão me pegar – sentenciou, ao recomendar a viagem após ser interceptado num posto policial.

Carlos começou o empreendimento sozinho, procurando seguir as recomendações de Ramão: apenas trazer coisas legais, nada de se envolver em drogas e assaltos, jamais manter uma agenda com os contatos dos clientes e sempre trabalhar sozinho, para evitar ser enquadrado como formação de quadrilha. Teve dificuldades no início, mas com alguns clientes repassados por Ramão, ele logo começou a contabilizar os lucros. Mas, em vez de economizar como o amigo

sugerira, Carlos buscou diversão. Todas as quintas-feiras, era visto, sempre bem acompanhado, em alguma casa noturna. Teve vários namoros rápidos, alguns que se estenderam por menos de uma semana. Essa rotina foi interrompida com a chegada de Flávia, uma loira que lhe pareceu frágil no início. A viu numa noite, quando estava acompanhado de uma garota. Ela sorriu para ele, ele retribuiu e, mais tarde, escreveu o número do seu celular num pedaço de um extrato bancário e o colocou no bolso dela. No dia seguinte, ela telefonou. Marcaram um encontro para aquela tarde, num café no Centro. Carlos chegou no horário, a loira estava atrasada.

- Desculpe, estava fazendo um trabalho e me atrasei um pouco – disse.

- Você não está atrasada, apenas atçou a minha curiosidade – respondeu, pegando a mão dela e beijando-a. – Encantado!

Ela sorriu igual a noite anterior. Sentaram-se e pediram dois capuccinos. Flávia rompeu os poucos segundos de silêncio.

- O Seu nome é Carlos, não é.

- Sim, Carlos.

- Carlos, não o Chacal. Vou guardar esse nome.

Carlos riu. Gostou do nome, uma referência ao temível terrorista venezuelano que já fora, no passado, o homem mais procurado do mundo.

- O que você faz? – perguntou Carlos.

- Trabalho como estagiária num consultório e estudo pela manhã. Faço psicologia. E você?

- Trabalho com importações. Bem, na verdade, eu consigo coisas que as pessoas precisam.

- Importa de onde?

- De vários lugares. Compro de empresas que trazem de fora, sabe, é um assunto nada interessante.

Mudaram de tema quando a atendente serviu os capuccinos.

- Como é o curso de psicologia?

- É legal, mas há algumas disciplinas muito chatas. Não gosto nem de ouvir falar em Lacan.

- Quem?

- Lacan, um francês. Você não está perdendo nada.

- Nunca ouvi falar. Mas sem quem foi Freud, Carl Jung.

A conversa se estendeu por mais de meia hora, num ritmo natural e progressivo. Carlos gostou de Flávia, Flávia gostou de Carlos.

- Que tal a gente passar no meu apartamento. Tenho umas coisas legais lá.

- O quê?

- Lá você vai ficar sabendo.

Carlos pagou os dois capuccinos e acompanhou Flávia. O apartamento dela ficava a três quadras do café, num prédio de sete andares. Ela morava no segundo andar, num quarto e sala nos fundos. Não havia vista e, provavelmente, o sol só invadia a sala no verão. Sentou-se no sofá. Flávia sumiu no quarto, fechou a porta e

em seguida retornou, com um pacote. Despejou na mesa de vidro o conteúdo: um pó branco, fino. Cocaína.

- Então é isso que você tinha para me oferecer?

Ela sorriu, aproximou-se dele e beijou os seus lábios. Depois, voltou a mesa e se abaixou. Uma metade de Carlos quis fugir, outra quis permanecer, ficar com Flávia e talvez experimentar. A beleza de Flávia, no final das contas, o fez ficar.

- Não vai experimentar?

- Acho que não – titubeou.

- Vamos. É ótimo, você vai se sentir outra pessoa. É uma sensação maravilhosa – respondeu Flávia, eufórica.

Carlos experimentou. Foi maravilhoso, a combinação droga e Flávia lhe deu uma sensação de poder. Voltaram a se beijar, com carícias mútuas e um certo desespero para se livrarem das roupas. Dois corpos nus se enrolaram entre gemidos e suor.

## 5

Flávia conduziu Carlos a uma nova vida. Anos mais tarde, concluiu que Flávia o levava à entrada de um labirinto. O convite viera daquela loira frágil, mas os primeiros passos rumo à incerteza ele deu por desejo próprio.

Os meses se passaram. O envolvimento entre os dois desabrochou na primavera e alcançou o clímax nas festas de verão. A mistura álcool, drogas e sexo os levou ao inevitável precipício das incertezas. Carlos se descuidou dos negócios. Trocou viagem de compras no Uruguai ou no Paraguai por finais de semana em alguma pousada com Flávia. O lucro caiu e, alguns receptores de produtos ilegais, deixaram de comprar produtos dele. Por fim, numa viagem ao Paraguai, acabou perdendo tudo o que comprara numa blitz da Polícia Federal, em conjunto com a Receita Federal, além de ter sido autuado. Na volta a Caxias do Sul, teve de se apresentar a um juiz.

Maldisse a sorte, passou a vociferar contra o desamparo divino, e mergulhou fundo nas drogas. Ainda contava com a casa que alugara meses depois de entrar no ramo, mas dormia no apartamento de Flávia.

- Consegui algo especial para essa noite. Ela está purinha, olha só – disse Carlos.

- É, parece especial – concordou Flávia. – Vamos experimentar.

- Claro.

Carlos preparou as doses e, minutos depois, seus cérebros estavam viajando. Berberam uísque, transaram e, mais tarde, repetiram a dose. Eram 10 horas da noite, quando Carlos sacudiu de leve Flávia para uma última rodada.

- Vamos, lembra Flávia. Quero mais, quero me divertir como se fosse o último dia da minha vida.

Flávia não se mexeu.

- Vamos, o que há com você?

A namorada continuou imóvel. Carlos a sacudiu com força, mas Flávia parecia em transe, distante do mundo real. Foi à cozinha, esquentou água e preparou um café reforçado, sem açúcar. Tentou com que Flávia bebesse, mas ela não estava em condições. Voltou à cozinha e pegou um copo de água e jogou no rosto dela. Nada adiantou. “Ou eu chamo uma ambulância ou ela morre aqui”, pensou. Carlos telefonou para o Corpo de Bombeiros. Enquanto aguardava, tentou inventar uma explicação, alguma mentira convincente para não revelar o consumo de droga. Desistiu. Quando a ambulância chegou e os dois enfermeiros subiram ao apartamento, ele contou a verdade.

- Acho que ela tomou uma overdose.

Os enfermeiros colocaram o corpo frágil de Flávia, agora lânguido, na cama e o conduziram à escada, desceram e posicionaram na parte traseira da ambulância. Carlos tentou ir junto.

- Melhor não – disse um enfermeiro.

A ambulância sumiu, com a sirene estridente abrindo caminho na noite. Carlos voltou ao apartamento, tentou apagar todos os vestígios de droga e ajeitou a bagunça. Depois, caiu num longo e pesado sono. Acordou um pouco antes das 10 da manhã, com a cabeça latejando. Olhou para o lado e se lembrou de Flávia. “Como será que ela estará?” Telefonou para o hospital e pediu informações. Transferiram a ligação para a UTI, onde falou com uma enfermeira.

- Ela está em estado gravíssimo. Se eu você fosse, avisaria a família dela – ouviu.

Carlos sentiu um frio percorrer o seu corpo. Procurou a agenda dela, encontrou o telefone da mãe, o celular do pai e alguns números de mulheres. Parou na letra L, no nome de Luíza, colega de curso que era amiga de Flávia. Telefonou para Luíza, disse que Flávia estava no hospital e que achava bom ela avisar os pais dela. Desligou e se mandou, foi para casa, sem saber o que fazer.

Na solidão da casa, Carlos se refugiou em pensamentos sombrios. A vida de Flávia se transformou em uma preocupação secundária. A sua namorada jazia no leito da UTI de um hospital, corria risco de perder a vida, mas se concentrou no seu próprio infortúnio. Enveredara-se por um caminho obscuro e temia ter encontrado o seu fim. Abriu uma garrafa de uísque, um Jack Daniels trazido de Livramento, e serviu um copo, sem gelo. Ansiava por um efeito imediato, mas o álcool não conteve a sua dor egoísta. Não tinha mais dinheiro, o negócio estava ruindo. Perdera vários contatos nos últimos meses e esperava recuperar parte do mercado com os produtos que trazia do Paraguai. Foi autuado e as mercadorias, confiscadas. “Maldita sorte”, disse, antes de beber outro gole. Para piorar, devia dinheiro a alguns traficantes. Esperava pagá-los com a venda da muamba. Agora, não havia como pagar. Preparou uma dose num prato e a inspirou a droga, depois tomou mais um pouco de Jack Daniels. Logo a dor passaria, pensou. Melhor assim. Lembrou-se de Flávia, de quando a conhecera e do rumo maluco que a sua vida tomara. Pensou nas mulheres que tivera. A imagem perfeita de Geni surgiu na sua mente. Tinha

curiosidade de saber onde ela se encontrava agora, quase sete anos depois daquele encontro. Estaria casada? Relembrou fragmentos daquela hora, do seu jeito envergonhado, da sua timidez de adolescente, da volúpia de Geni. Encheu o copo com outra dose, bebeu tudo, e depois voltou a servir Jack Daniels.

A droga e o álcool apagaram Flávia, e todos os problemas que vieram com ela, da sua mente. Adormeceu. Sonhou com Geni, teve pesadelos com Flávia, com a polícia.

## 6

Carlos acordou quando o relógio de pulso, posicionado na cabeceira, indicava sete horas e 47 minutos. Estava com fome, o estômago doía devido à falta de algo sólido e ao excesso de uísque. Levantou-se, sentindo a cabeça latejar com o movimento, e dirigiu-se à cozinha. Abriu a geladeira. Havia um suco aberto, alguns ovos e um queijo velho, mofado. Cheirou o suco, estava estragado. Fez um omelete e comeu junto com um café preto. Aos poucos, recobrou a consciência. Sentia-se péssimo, mas, pela primeira vez, julgava estar em condições de encarar os fatos das últimas 40 horas. Lembrou-se de Flávia. Como será que ela está? Talvez consciente, e certamente querendo falar com ele. Pegou o celular e discou o número do hospital.

- Bom dia! Eu gostaria de obter informações do estado da paciente Flávia Hassmann – disse à telefonista.

- Só um momento. Vou transferir a ligação.

Aguardou alguns segundos, antes de ouvir a voz de uma mulher.

- Bom dia!

- Bom dia! Eu gostaria de saber o estado da paciente Flávia Hassmann – repetiu.

Houve um instante de hesitação no outro lado da linha.

- O senhor é o que dela?

- Sou amigo. Na verdade, o namorado dela.

- Lamento lhe informar. A Flávia faleceu no começo da tarde de ontem. Teve um ataque cardíaco e não resistiu.

Carlos desligou o telefone. Não podia ser. Telefonou para Luíza.

- Desculpe, aqui é o Carlos, namorado da Flávia. Me informaram que a Flávia faleceu, é verdade?

- Sim, infelizmente ela morreu devido a uma overdose.

- E o corpo?

- Está sendo levado hoje de manhã para Nova Petrópolis. Vai ser enterrada à tarde.

- Obrigado.

Carlos sentou-no sofá, com os braços envolvendo as pernas. Não sabia o que fazer. Julgou que devia ir ao velório e ao enterro, mas faltava-lhe coragem. Não estava em condições de encarar a mãe, o pai, a família de Flávia, muito menos os amigos dela. Àquela altura, a família já sabia a causa do óbito e que Flávia estava com o namorado, no apartamento dela, ambos cheirando cocaína, ambos se

divertindo. Era provável que o culpassem. Ergueu-se do sofá, pegou uma toalha e tomou um banho longo. As lágrimas começaram a escorrer, antes de serem carregadas pela água quente, que envolvia a sua dor e o confortava. Depois de 20 minutos, com o espelho embaçado e o vapor aquecendo o banheiro, fechou a ducha e começou a se secar. Vestiu uma calça jeans e uma camiseta escura, calçou um par de tênis, marca Nike. Recolheu algumas coisas que julgava precisar, pegou a chave do carro e saiu.

Passou no Centro e parou diante de uma agência do Banrisul. Tirou o extrato, a conta estava negativa em R\$ 300. Sacou R\$ 600, deixando o próximo do limite de saque. Voltou ao carro e pegou a Rua Sinimbu, dirigindo-se a BR-116, dobraria à direita e seguiria em direção a Nova Petrópolis. Não tinha certeza se era a decisão correta, seguia a ordem da razão. Ao se aproximar da BR-166, em um impulso que leva gênios a realizar descobertas fabulosas e que costuma transformar a vida de pessoas simples, ele dobrou a esquerda, tomando o rumo de Ana Rech. Oito minutos depois, entrou à esquerda e acelerou. Estava na Rota do Sol. Estava indo para a praia. Para Torres, onde procuraria Ramão. Ramão, soubera havia alguns meses, estava no litoral e abria um pequeno restaurante à beira do mar.

Carlos sonhava em ver o mar, em conversar com Ramão. O sonho se desfez dois cinco quilômetros depois, quando um policial fez um sinal, indicando para parar e estacionar o carro. Carlos obedeceu. Dois policiais se dirigiram ao carro, pediram os documentos.

- Você pode descer do carro?

Obedeceu novamente. Um deles começou a revistar o carro. Abriu o porta-luvas, procurou aberturas nos bancos e, por fim, pegou a mochila jogada no banco traseiro. Abriu, retirou tudo, roupas, tênis, chinelos e um pacote embrulhado com papel jornal.

- Maldição. Porque trouxe essa droga.

Ao ver o conteúdo, os policiais algemaram Carlos, o colocaram na viatura e entraram em contato com a policial civil. O sol brilhava naquele outono, e isso ampliou a tristeza de Carlos. Talvez não visse o mar tão cedo. Aquele teria sido um dia especial. Longe dos problemas, numa praia aquecida pelos raios solares.

## 7

Os próximos dois anos transformaram Carlos. Na prisão, Carlos cursou graduação em criminalidade. Foi rejeitado pelo pai, que jamais o visitou, esquecido pela mãe, que foi ao seu encontro apenas uma vez, e adotado por outros prisioneiros. Tornou-se amigo de ladrões, assaltantes de bancos e criminosos que haviam matado algum conhecido entorpecidos pelo álcool. Acrescentou, também, um detalhe ao

nome. Autodenominou-se Carlos, não o Chacal. Era assim que Flávia o chamara no primeiro encontro, num café no Centro de Caxias do Sul.

A passagem pela prisão não se estendeu muito. Passados um ano, 11 meses e sete dias, Carlos deixou o presídio pela porta da frente. Não, não ganhara a liberdade, apenas integrara o grupo de Paulinho, que comprara um guarda. O guarda colocara um sonífero no café de outros funcionários, abriu as portas e fugiu com eles. A maior parte saiu a pé, outros decidiram ficar e cumprir a pena e um grupo reduzido, comandado por Paulinho, entrou numa van que os levou para Caxias do Sul. Carlos estava na van. Quando a polícia começou a caçar os fugitivos, Carlos já estava longe, num local seguro.

O grupo aguardou alguns dias para agir. O primeiro alvo foi um assaltar um carro-forte. Esperaram o início de abril. O pagamento de salários movimenta milhões de reais em dinheiro vivo, tornando o período fértil para grandes ações. Decidiram assaltar um carro forte na RS-470, entre Bento Gonçalves e Veranópolis, no início da manhã. Na noite anterior, roubaram um caminhão e Vectra. Às nove horas e 37 minutos, interceptaram o carro-forte a um quilômetro da ponte. O caminhão acertou a lateral do carro-forte, jogando para fora da estrada. Rapidamente, renderam os três guardas e pegaram os sacos de dinheiro. Fugiram. Quando a polícia começou a caçá-los, já tinham abandonado o Vectra e se dispersado.

Carlos gostou da adrenalina. Pela primeira empunhara um revólver, entrou no carro-forte e apontara a arma para a cabeça de um dos guardas. Sentiu-se poderoso diante do olhar de súplica do guarda. Jamais esqueceria aquele olhar.

Nos dias seguintes ao assalto, o grupo se dispersou. Carlos e um companheiro, Teco, foram a Porto Alegre, onde ficaram num apartamento. Os integrantes se reuniram uma semana depois, num apartamento em Novo Hamburgo. Carlos e Teco embarcaram num ônibus e foram dos primeiros a chegar. Passaram por um ritual ao chegar no apartamento. Tiveram de tirar a roupa, tomar banho e depois vestir peças dadas por Paulinho. Era uma medida de segurança. Ninguém teria como gravar algo. Carlos sentou-se num canto, sobre uma almofada verde e leu um jornal, que nada trazia de interessante. Erguia apenas a cabeça para cumprimentar os companheiros que chegavam em dupla. Um pouco depois das 10 horas, quando todos já se encontravam no apartamento, Paulinho começou a falar.

- Quero desejar um bom dia a todos e cumprimentá-los pelo sucesso da operação.

Os “bom dia” pipocaram pela sala, em voz baixa.

- O dinheiro recuperado também foi considerável – continuou Paulinho. – Conseguimos quase R\$ 300 mil, um bom valor.

Carlos começou a calcular. Se todos recebessem uma parte igual, embolsaria R\$ 50 mil. Nunca vira tanto dinheiro de uma só vez.

- A parte de cada um está num envelope – disse, começando a distribuição.

Carlos foi um dos últimos a receber. Abriu, encontrou um monte de notas de R\$ 50, mas não eram, com certeza, R\$ 50 mil. Começou a contar. Eram R\$ 7 mil, se não se enganara.

- E o resto? Quando vou receber o resto?

Houve silêncio, ninguém se manifestou. Alguns o olharam com reprovação, Paulinho fitou o chão.

- Não tem resto. Isso é tudo – disse Paulinho.

- Quer dizer que me arrisco e ganho apenas R\$ 7 mil, enquanto o grosso da grana fica contigo?

- Olha, se você não está satisfeito, pode ir embora. Pode sair agora.

Carlos permaneceu sentado.

- Não vou embora, quero apenas uma divisão mais justa – disse, erguendo o olhar. – E acho que os meus companheiros também querem, também merecem uma parte maior. Não sei quanto cada um de vocês recebeu, mas eu recebi uma mixaria comparado ao que foi roubado. O que vocês acham?

Ninguém falou.

- Vamos, digam algo. Vocês acham que receberam um valor justo? Vocês se arriscaram, correram o risco de levar algum tiro, e agora vão embolsar R\$ 7 mil, R\$ 8 mil ou R\$ 10 mil. É correto?

- O senhor está fora do grupo, Carlos, não o Chacal – disse Paulinho, elevando o tom da voz. – E cuidado. Depois que você sair por essa porta, não terá mais a minha proteção. E se eu ouvir alguma coisa desse roubo por aí, eu mesmo vou matar você.

- Não sou dedo-duro, Paulinho. Respeito as pessoas e acho que todos merecem uma parte justa na divisão do que foi roubado – disse Carlos, levantando-se.

- Acho que ele tem razão, Paulinho – falou Magrão, que integrava o grupo havia anos. – Faz tempo que estou contigo e só recebi uma miséria. A divisão do que é roubado precisa mudar, caso contrário saio com Carlos.

Paulinho ruborizou, a raiva parecia querer sair de dentro de dele.

- Mais alguém?

Outros dois se levantaram. Carlos pegou a roupa, trocou-se e saiu, acompanhado de Magrão, Teco e Juarez. Formariam um outro grupo e dividiriam em partes iguais o que roubariam.

- Não quero nunca mais ver vocês – disse Paulinho. – Sumam da minha frente.

O grupo saiu.

lojas de bairros e um supermercado. Alguns meses depois, optaram pelo primeiro assalto maior: o posto de pedágio entre Caxias do Sul e Farroupilha. Como das outras vezes, utilizaram a estratégia de desviar a ação. Magrão e Juarez desviariam a atenção, e Teco e Carlos roubariam o dinheiro. No volante de um caminhão roubado, Magrão seguiu o carro-forte que saiu de Caxias do Sul, enquanto Carlos e Juarez seguiam num Astra, próximo ao caminhão. Um quilômetro antes de alcançar o posto de cobrança, eles passaram pelo carro-forte e o caminhão se aproximou. Na curva antes, Magrão jogou o caminhão em cima do carro-forte, que cruzou o canteiro e saiu da pista, entrando no mato. Magrão abandonou o caminhão e subiu na moto guiada por Teco e fugiu, em direção a Forqueta.

Os carros pararam e os seguranças do pedágio correram em direção ao carro-forte. Carlos e Juarez renderam duas cobradoras, apontando armas em suas cabeças, e depois invadiram o escritório, pegando o dinheiro que o carro-forte recolheria. Em menos de dois minutos, desapareceram com o dinheiro, em direção a Farroupilha. Quando a polícia chegou, encontrou apenas confusão e iniciou uma grande perseguição. No dia seguinte, o grupo ganhara a manchete do jornal: “Assalto ousado”.

No assalto, o grupo roubou quase R\$ 82 mil. Cada um embolsou R\$ 20 mil. A ordem de Carlos era sumir da região por alguns semanas, viajar para alguma praia e viver sem esbanjar. Carlos e Teco foram para Balneário Camboriú de carro, numa viagem que começou às 11 horas da noite e terminou às sete e meia da manhã. Juarez e Magrão foram a Torres. Deslocando-se de madrugada, não havia risco de serem surpreendidos numa blitz. Se fossem parados, é porque a polícia os estava monitorando, hipótese que desconsideraram.

Enquanto passavam o tempo na praia, a polícia prendeu Paulinho. Em depoimento, ele decidiu entregar o grupo. Dissera que os quatro, provavelmente, tinham assaltado o pedágio. Magrão foi o primeiro a saber da notícia, ou a ver a foto dele e dos três companheiros estampada num jornal. Telefonou para Carlos.

- Parabéns, você está na mídia.

- O quê?

- O Paulinho foi preso e nos entregou à polícia. Disse que nós planejamos o ataque ao pedágio. As nossas fotos estão nos jornais. A polícia está atrás de nós. O que fazemos?

- Vamos nos encontrar hoje à noite, pode ser? Em Laguna, na praia do GI, em frente à Pedra do Frade. Às quatro da madrugada. Até mais.

- Até.

Carlos e Teco deixaram Balneário Camboriú à meia-noite. Entraram na BR-116 e seguiram em direção ao Sul, na velocidade próxima a oitenta quilômetros por hora. Um pouco depois das três horas, alcançaram Laguna e se dirigiram à praia GI. A pé, dirigiram-se à Pedra do Frade, esculpida pacientemente, por milhares de anos, pelo vento. Era parcialmente visível pelo brilho da lua. Fazia frio, tiritavam com o vento gelado enviado pelo mar. Um pouco antes das quatro horas chegaram ao local marcado e aguardaram Magrão e Teco. O relógio marcou quatro horas. Nada dos

companheiros. Passaram-se cinco minutos, 10 e 15, meia-hora. Carlos começou a ficar com medo. Temeu pela vida dos colegas. Será que foram presos?

- Vamos embora, Teco.

- Por quê? Não é melhor esperar mais um pouco?

- Não, tenho um pressentimento ruim. Acho que aconteceu alguma coisa.

Começaram a caminhar em direção ao carro, estacionado a cerca de um quilômetro. Em silêncio, ouvindo o assovio do vento e o barulho das ondas se quebrando à beira do mar. Era um som bonito, parecia uma música suavizando os ouvidos. Lembrou-se que, até dois meses atrás, não tinha visto o mar. A primeira vez fora em Balneário Camboriú. Achou a vista bonita, desconsiderou até o mar sujo pela poluição.

- Parados aí! É a polícia!

O grito interrompeu seus pensamentos. Ergueu os braços, Teco fez o mesmo. Ouviu, então, um som seco. Teco caiu ferido, mas teve tempo de disparar duas vezes antes de ser alvejado outra vez, agora na cabeça. Ele não disparou, sentiu apenas uma dor aguda no peito. O mar foi, aos poucos, se silenciando, o brilho tímido do luar desapareceu. Sentiu frio, sentiu o corpo se congelando. Pensou em Geni, no sorriso dela.

Tudo escureceu.